



# *Livro de paz que gerou uma guerra*

(Condensado do «Crusader in Crinoline»)

Por Forrest Wilson

**N**OS ÚLTIMOS DIAS de novembro de 1862, assim começa a história, Abrahão Lincoln recebeu na Casa Branca uma senhora de pequena estatura e meia idade. Apertando com sua grande mão ossuda a delicada mão da visitante, exclamou: «Então é esta a pequenina mulher que fez esta grande guerra!»

A «pequenina mulher» era Harriet Beecher Stowe, autora da *Cabana do Pai Tomaz*. A publicação dessa novela, dez anos antes, contribuíra muito para a ascensão de Lincoln à presidência. Estadistas e historiadores contemporâneos reconheceram-na como a maior influência isolada no caso da abolição da escravatura.

Nascida e criada no Connecticut, Harriet vivera 18 anos em Cincinnati, no Ohio, que era uma das estações de passagem de negros fugidos para o Norte. Ali presenciou tumultos anti-escravagistas, ajudando escravos fugitivos, e ouvindo-lhes as histórias. Depois, em 1850, os Stowes mudaram-se para Brunswick, no Maine, onde Calvin Stowe se tornou professor no instituto de ensino de Bowdoin. Era, porém, impossível escapar à escravatura, mesmo no Maine. Os jornais estavam cheios dela. Ecoavam no Senado os apaixonados discursos sobre a abolição, de Charles Sumner, do Massachusetts. O irmão de Harriet, o já famoso Rev. Henry Ward Beecher, atacava do púl-

pito os horríveis «leilões de escravos».

Harriet tinha escrito alguns contos, para aumentar os recursos sempre insuficientes da família. Seu espírito profundamente religioso aspirava a dar ao mundo um quadro da brutalidade da escravidão tal como ela a conhecia. Mostrar ao país a tragédia, expondo aos seus olhos os casos de moças violadas, mães despojadas dos filhos pelo martelo do leiloeiro, famílias desfeitas, senhores pervertidos pelo arbítrio, mostrar tudo isso,—e não se toleraria mais a escravidão. Escrever, porém, sobre uma questão política, como essa, seria contrário a tudo o que até então havia feito. Uma carta da cunhada forneceu-lhe a centelha. «Se eu pudesse usar da pena como você faz,» revelou-lhe a senhora de Edward Beecher, «escreveria algo que fizesse a nação inteira sentir que maldita coisa é a escravatura.»

Os filhos de Harriet bem se recordam de quando ela lhes leu essa carta. Levantou-se como num ato de consagração solene, a carta amarrotada numa das mãos. «Hei-de escrever alguma coisa,» rematou.

E assim, um dia sentou-se à mesa de trabalho, e começou: «Ao anoitecer de um frio dia de fevereiro, dois senhores estavam sentados a tomar um copo de vinho, numa bem mobiliada sala de jantar, na cidade de P..., no Kentucky.» Estava lançado o início de uma longa jornada. A escritora não sabia propria-

mente onde a mesma acabaria. Acabou em Gettysburg e Appomatox.

Longe estava Harriet de imaginar a terrível força que emanaria da *Cabana do Pai Tomaz*. Considerava sua história como mensageira da paz. «Deus escreveu-a» disse ela muitas vezes. A cena em que o Pai Tomaz é açoitado,—escrita algumas semanas antes de haver traçado um plano definitivo para a sua novela—veio-lhe, de fato, numa visão durante uma cerimônia de comunhão. Tão claro como se estivesse presente à cena, viu um velho escravo ser mortalmente chicoteado por um branco desalmado. Depois da benção foi para casa contendo as lágrimas, e num êxtase, dirigiu-se para o quarto e descreveu o espetáculo tal qual o havia presenciado. Quando leu a página à família, as crianças choraram convulsivamente. E o marido lhe disse: «Hattie, você deve escrever uma história, a que esta cena sirva de ponto culminante. O Senhor assim o quer.»

Harriet fez o plano em três ou quatro episódios, e o ofereceu ao editor Bailey da *National Era*, pequeno jornal de Washington. O editor aceitou-o sem maior exame, pelo preço de 300 dólares. Pobre Harriet! Seus «três ou quatro» episódios foram afinal 40; e quase um ano decorreu antes que reunisse finalmente todos os fios da sua narrativa. Bailey não elevou o preço à medida que esta prosseguia.

Na primeira página da *National Era*, de 5 de junho de 1851, apareceu o primeiro trecho da novela que levaria dez anos depois uma geração inteira de crianças—entre elas o filho de Harriet, Frederico,—a marchar, como cruzados, para a guerra decisiva.

Tudo lhe resultou da experiência de sua própria vida. A só visita que fizera

ao Sul tinha sido a de alguns dias, passados no Kentucky, na fazenda de uma companheira de escola, de modo que o Pai Tomaz devia ser algum escravo dali. Uma vez, porém, que no Kentucky só se avistara com gente boa, tinha que descrever o Pai Tomaz como vendido por seu bondoso senhor do Kentucky. Desejava tratar, de qualquer modo, da venda de um escravo, e das respectivas consequências para a família do mesmo.

Harriet tirou o Pai Tomaz da personalidade do Rev. Josiah Henson, pregador negro e agente social, que tinha comprado sua própria liberdade, e com quem ela se havia encontrado em Boston. Na sua mocidade, o «Padre» Henson tinha ficado aleijado para toda a vida, em consequência de uns açoites recebidos de um senhor brutal, no Maryland. Depois apareceria o capataz, que seu irmão Carlos encontrou num vapor de Nova Orleans. Ostentando um punho duro como um nó de carvalho, gabava-se ele de que «o devia ao hábito de desancar negros». Foi assim que Harriet criou o seu Simão Legree. O sinistro nome desse peludo cerbero, parecido com um macaco, foi pura inspiração. Celeste era uma pequena amostra de Satanaz, que Harriet procurou debalde atrair ao cristianismo nas suas aulas de domingo, no Cincinnati. Ficou sendo Topsy.

Tem-se afirmado frequentemente, como idéia moderna, que o habitante do Sul compreende melhor o negro que o do Norte, e sabe também melhor como tratá-lo. Entretanto, Harriet escrevia isso mesmo em 1851 e 1852. Ela não esquecia o lado amavel e patriarcal da escravidão, coisa que tornou tão difícil a réplica ao seu livro. Alguns dos caracteres mais bondosos e retos eram



do Sul, e senhores de escravos. E ela fez de Simão Legree, vilão por excelência da literatura americana, um filho do Vermont. Tia Ofélia, a prima de St. Clare, natural da Nova Inglaterra, não podia suportar Topsy, mas o lugar favorito da pequena Eva era o joelho do Pai Tomaz. Era preciso ter olhos de lince, para notá-lo há um século.

Um dos milagres produzidos pelo romance foi o furor nacional que se criou à medida que ia sendo publicado como folhetim de um jornal de pouca importância. Quase todas as cidades e vilas tinham pelo menos um abolicionista que assinava a *Era*, e o jornal era passado de mão em mão até ficar ilegível. Começaram a chover cartas na redação. Cada novo personagem, ou incidente, era recebido com aplauso. E quando uma vez, no outono, Harriet não pôde mandar o folhetim a tempo de ser impresso, caiu sobre o diretor uma tempestade de protestos.

Como Harriet escrevesse sempre, e o epílogo nunca chegasse, a história tornou-se sua obsessão constante. Onde quer que se achasse, o espectro do folhetim da semana seguinte não a deixava. Tinha que continuar a fazer a cozinha e arrumar a casa, e sua turbulenta família a tornava nervosa. Para complicar mais o caso o velho doutor Lyman Beecher apareceu em visita a sua filha, sem se dar conta de que ela estava produzindo uma obra prima que ia abalar o mundo. Enquanto ele e seu secretário punham a casa em reboição com seus importantes sermões, os vizinhos viam a pequena Mrs. Stowe sentada nas escadas da porta do fundo, com a pasta de escrever sobre os joelhos.

Outra pessoa notava, preocupada, a extensão crescente da novela. John P.

Jewett, chefe de uma pequena casa editora de Boston, tinha concordado em publicar os folhetins em livro, prevendo a impressão de um volume pequeno, que pudesse vender-se a baixo preço. Lá pelo fim de outubro a *Cabana do Pai Tomaz* começou a parecer uma história para dois volumes. Jewett ficou desanimado. Pediu a Harriet que a concluísse. Escrevia sobre um assunto que não era popular, disse-lhe; a publicação em dois volumes podia ser prejudicial ao êxito da obra.

Jewett não podia ter-se dirigido a ninguém que estivesse com melhores disposições. Sobrecarregada de trabalho, Harriet estava ansiosa por atender o pedido. Publicou a *Era* uma sugestão segundo a qual, sendo já a história muito longa, podia concluir-se rapidamente nalguns períodos concretos que precipitassem o epílogo. A voz geral respondeu com um *não* trovejante. Bailey apressou-se em tranquilizar seus leitores, e Harriet continuou a escrever.

O folhetim que apareceu pelo Natal descrevia a morte da pequena Eva. Depois de havê-lo escrito, Harriet ficou na cama por 48 horas, exausta. Era como um sofrimento pessoal. Que cartas cheias de desespero não recebeu ela, lamentando o assassinio deliberado da mais santa das crianças dos Estados Unidos, por um autor sem coração, à procura de efeito literário!

Mas o que se seguia estava agora claro. Harriet tinha apenas que descrever a cena da morte do Pai Tomaz, rematar alguns capítulos soltos, e fazer ponto final.

Em fevereiro, Jewett fez uma última tentativa para salvar um pouco de seu magro capital. Propôs aos Stowes dividir com eles em partes iguais as despesas e os lucros. Mas os Stowes não tinham

dinheiro, de modo que Calvin recusou, aceitando a percentagem de um décimo sobre as vendas. Se Harriet tivesse direito à metade dos lucros, só o primeiro ano da venda do livro no país a teria feito independente.

Harriet estava todavia satisfeita com o contrato. «Espero,» disse ela, «fazer bastante para poder comprar um vestido de seda.»

O livro não fora precedido de nenhuma propaganda, sendo recebido em completo silêncio pelos críticos literários. Entretanto, o dia em que apareceu, 20 de março de 1852, foi de grande animação no escritório do editor. A primeira edição de 6.000 exemplares esgotou-se imediatamente. Dentro de uma semana, Jewett tinha três tipografias funcionando 24 horas por dia, exceto aos domingos, 100 encardena-dores em ação, e três fábricas trabalhando para o fornecimento do papel. Os direitos autorais, nos primeiros quatro meses pagos a Harriet, foram de 10.300 dólares. No primeiro aniversário da publicação do livro, Jewett anunciou a venda de 305.000 exemplares, «com pedidos maiores que nunca». Nessa base e tendo em conta a população, uma novela atual teria uma saída de um milhão e meio de exemplares por ano.

*A Cabana do Pai Tomaz* foi logo plagiada em meia dúzia de países, e traduzida em cerca de doze idiomas. As classes oprimidas da Europa tomaram profundo interesse pelo livro, e o aplicaram a seus próprios sofrimentos, sem quase pensar nos negros escravos dos Estados Unidos para os quais fora escrito. Em Londres, Nova York e Boston representava-se *A Cabana do Pai Tomaz* para platéias excitadas. Cantavam-se as canções do Pai Tomaz e da pequena Eva. Um industrial de Rhode

Island anunciou um jogo de cartas com o nome de «Pai Tomaz e a pequena Eva». Literatura de imitação e propaganda contrária encheram as livrarias com títulos tais como a *Cabana da Tia Felipa*, ou *A vida do Sul tal qual é*.

Nos Estados Unidos quebrou-se afinal o silêncio dos jornais no dia 15 de abril, quando o *Independent*, de Nova York, cuja influência nacional vinha logo abaixo do *Weekly Tribune*, de Horace Greeley, publicou coluna e meia concitando os leitores a «espalhar o livro pelo mundo afora».

À proporção que a imprensa entrava no coro geral, os volumes da novela que Jewett enviara a várias pessoas influentes, começaram a inspirar diariamente manifestações favoráveis. Longfellow escreveu: «*A Cabana do Pai Tomaz* é um dos maiores triunfos da história literária, já não falando do triunfo mais alto, seu efeito moral.» Whittier expressou-se assim: «Mil agradecimentos por seu livro imortal.» E Jenny Lind terminou uma carta de louvor com estas palavras: «Certamente a mão do Senhor permanecerá com a graça divina sobre a sua cabeça.» Com surpresa, o primeiro ataque contra a veracidade do romance veio do Norte. Harriet tinha reconhecido que não podia lançar o anátema da escravidão somente sobre o Sul, pois ali havia muito dinheiro do Norte empregado nas lavouras de algodão, que se mantinham pela escravidão. O intérprete desse dinheiro foi o *Journal of Commerce*, de Nova York que nos fins de maio descarregou o primeiro tiro contra a *Cabana do Pai Tomaz*. Os jornalistas apoderaram-se do assunto em todo o país, contra e a favor de Harriet, começando então um grande debate entre eles.

Até então *A Cabana do Pai Tomaz*

tinha sido uma novela de simples controvérsia, circulando livremente no Norte e no Sul, e fazendo prosélitos em ambos. Repentinamente houve uma supressão espontânea do livro no Sul, tornando-se perigoso possuir um exemplar dele. As mães começaram a mostrar Harriet a seus filhos como monstro perverso. Entre as cartas de seus admiradores começaram a aparecer outras anônimas, ameaçando-a com insultos grosseiros, e acusando-a de fomentar a rebelião de escravos.

Viram então os dois lados que não se tratava apenas de uma novela, mas de uma mina posta nos alicerces da Re-

pública, com a mecha acesa. O livro de Harriet tinha produzido, de parte a parte, ódios que não cessariam até que os corações, que os alimentavam, deixassem de pulsar para sempre.

Quarenta anos mais tarde, Kirk Monroe, conhecido crítico de Nova York, assim julgou o lugar da *Cabana do Pai Tomaz* na história: «A abolição da escravidão não foi nem podia ter sido realizada por uma só pessoa. Foi o resultado de esforços conjuntos... Mas a influência maior e de mais efeito foi a *Cabana do Pai Tomaz*, livro que figura no quarto lugar, quanto à tiragem, entre os do mundo inteiro.»



APROVEITE A MINHA EXPERIÊNCIA

— 14 —

## *Um pouco de cada vez...*

*Por John Erskine*

**E**U DEVIA andar por volta dos meus catorze anos, e nessa idade não ligaria ao incidente a mínima importância. Mas o que ouvi, naquele dia, de Carl Walter, me voltaria anos depois ao espírito, e desde então seria para mim de valor inestimável.

Carl Walter era meu professor de piano. Uma vez, durante a lição, inquietou-me sobre o tempo que eu vinha consagrando normalmente aos respectivos exercícios.

Respondí-lhe que estudava três ou quatro horas por dia.

— Mas você toca durante longos períodos, uma hora, por exemplo, de uma vez?

— É isso que eu procuro fazer, re-truquei-lhe convicto.

— Pois não faça assim!, exclamou ele, em tom peremptório. — Quando você crescer, não disporá de longos lapsos de tempo. Convem, portanto, que se habitue a tocar, não por horas, mas por mi-